



## SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

**Salvação das almas: razão de ser da Igreja?***The salvation of souls: the church's purpose?**La salvación de las almas: ¿el propósito de la iglesia?***Tiago Cosmo da Silva  
Dias<sup>1</sup>**[orcid.org/0000-0002-3851-1696](https://orcid.org/0000-0002-3851-1696)  
[pe.tiagocosmo@gmail.com](mailto:pe.tiagocosmo@gmail.com)**Recebido em:** 20 nov. 2024.**Aprovado em:** 18 dez. 2024.**Publicado em:** 19 maio. 2025.

**Resumo:** O artigo objetiva tensionar a ideia de uma Igreja que existe unicamente para salvar as almas para o céu, proposta já considerada pelo Papa Francisco como insuficiente. Nesse sentido, em metodologia bibliográfica exploratória, assume como perspectiva que, antes, aqueles que ainda insistem em dizer que a Igreja deve se ocupar apenas com a salvação das almas têm consigo um projeto eclesial bastante claro, que, em linhas gerais, nega as realidades temporais, faz crescer o clericalismo e concepções equivocadas da fé, inclusive no que diz respeito aos sacramentos e à moral da Igreja. Em perspectiva histórica, o artigo também busca a gênese da expressão "salvação da alma", para provar o quanto o uso da expressão hoje foi desvirtuada do sentido original e, como tal, é ilegítima.

**Palavras-chave:** salvação; almas; Igreja.

**Abstract:** The article aims to challenge the idea of a Church that exists solely to save souls for heaven, a proposal already considered insufficient by Pope Francis. In this sense, using an exploratory bibliographic methodology, it assumes as a perspective that, previously, those who still insist on saying that the Church should only concern itself with the salvation of souls have a very clear ecclesial project, which, in general terms, denies temporal realities, increases clericalism and mistaken conceptions of faith, including with regard to the sacraments and the morality of the Church. From a historical perspective, the article also seeks the genesis of the expression "salvation of the soul", to prove how much the use of the expression today has been distorted from its original meaning and, as such, is illegitimate.

**Keywords:** Salvation; Souls; Church.

**Resumen:** El artículo pretende subrayar la idea de una Iglesia que existe únicamente para salvar almas para el cielo, propuesta ya considerada insuficiente por el Papa Francisco. En este sentido, en una metodología bibliográfica exploratoria, se asume como perspectiva que, antes, quienes aún insisten en decir que la Iglesia sólo debe preocuparse por la salvación de las almas tienen consigo un proyecto eclesial muy claro, que, en general, términos, niega las realidades temporales, hace crecer el clericalismo y las concepciones erróneas de la fe, incluso en lo que respecta a los sacramentos y a la moral de la Iglesia. Desde una perspectiva histórica, el artículo busca también la génesis de la expresión "salvación del alma", para demostrar hasta qué punto el uso de la expresión hoy ha sido desvirtuado de su significado original y, como tal, es ilegítimo.

**Palabras clave:** salvación; almas; Iglesia.

**Introdução**

Há onze anos, quando o Papa Francisco entregou à Igreja a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que recolhera também os resultados do sínodo sobre a nova evangelização realizado no ano anterior, o bispo de Roma afirmava que já não se pode afirmar que a religião deve se limi-



<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo (SP), Brasil.

tar ao âmbito privado e que serve apenas para preparar as almas para o céu, uma vez que Deus quer também a felicidade de todas e todos nesta terra (Papa Francisco, 2013, EG 182). Por isso, do ponto de vista da evangelização, Francisco dizia que não serviam as propostas místicas que não contivessem um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e as ações sem uma espiritualidade que realmente transformasse o coração (Papa Francisco, 2013, EG 262).

No cenário atual, porém, repleto de propostas de "um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro" (Papa Francisco, 2013, EG 89), em que até mesmo a comunidade é dispensável, a tendência é levar à radicalidade o texto da carta aos colossenses: "Aspirai as coisas celestes, não as terrestres" (A Bíblia, 2015, Cl 3,1-2), o que tem implicações pastorais e teológicas sérias, uma vez que tudo o que disser respeito às questões históricas passa a não interessar mais à Igreja, que existe única e exclusivamente para conduzir as almas para o céu. Nesse aspecto, aparecem em demasia as devoções, as bênçãos e os próprios sacramentos, tidos como uma espécie de "vacina espiritual", de tal modo que alguém que não os celebra no devido tempo é tido como um "cristão de segunda classe". Na pandemia, por exemplo, grupos católicos como o que organizou a campanha *Devolvam-nos a missa* chegaram a propagar a ideia de que muitas almas poderiam estar sendo condenadas pelo fato de não receberem a Unção dos Enfermos, a Reconciliação e a Eucaristia, devido às normas de distanciamento social impostas àquela altura.

Essa realidade, grosso modo, foi detectada pelo Papa Francisco como uma das muitas tentações atuais dos agentes pastorais, visto que:

Tem a ver com as opções mais profundas e sinceras que determinam uma forma de vida concreta. [...] É impressionante como até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão (Papa Francisco, 2013, EG 80).

É esse cenário que retroalimenta uma Igreja que, minimamente, se fortalece em torno de três características: *dualismo*, já que, se a Igreja existe para salvar as almas, logo deve ignorar cada vez mais as problemáticas relativas à vida em sociedade, como a participação política, os pobres e as muitas injustiças sociais; *clericalismo*, porque se volta à perspectiva de que quem salva as almas é o ministro ordenado, não raras vezes também chamado de "cura de almas"; *egocentrismos*, visto que emergirão personagens que se colocarão como verdadeiros mediadores entre a vida nesta terra e o sobrenatural, cujo acesso seria impossível aos meros mortais.

Este artigo, portanto, tensiona essa problemática e o faz especialmente em duas vertentes: uma primeira é *histórico-sistemática* e, portanto, bibliográfica, porque se vai buscar o contexto em que emergiu essa perspectiva de uma Igreja que existe para levar as almas para o céu; a segunda, porém, é *pastoral*, porque olha para a realidade a fim de detectar como se subverteu o real sentido da expressão "salvação das almas" em vistas à preservação não de cristãos católicos sujeitos de sua própria identidade e experiência, mas de um rebanho massificado que comparece a eventos religiosos que parecem facilitar o acesso ao que é sobrenatural e, naturalmente, com promessas suntuosas relativas à eternidade. É óbvio que, neste aspecto, também essa perspectiva não deixa de ter suas ambiguidades, porque, ao mesmo tempo que se tenta prometer o céu, oferecem-se muitos instrumentos e meios para que se consiga alguma prosperidade também nesta vida, como machadinhos de São Judas – para se cortar o mal pela raiz – ou uma "bolsinha" com óleo, água e sal abençoados para se aspergir sobre o lar e expulsar toda ação maligna daquele espaço circunscrito. Constrói-se uma religiosidade completamente descompromissada do outro, com muitos rituais que comportam até uma certa concepção "mágica" do cristianismo, mas que supostamente garantem o essencial: o céu.

## 1 Salvação da alma: breve evolução histórica de um conceito

Segundo a tradição judaico-cristã, Deus molda o humano do barro e lhe confere o sopro da vida (cf. A Bíblia, 2015, Gn 2,4b-25). O corpo, nesse sentido, é compreendido como a morada do sopro de Deus. De fato, o ser humano pode ser compreendido da seguinte maneira:

- como possuidor da *nefesh* (alma): é um vivente que deve a sua existência a Deus e é capaz de relações interpessoais e de sentimentos;
- por causa do *ruah* (espírito): é o testemunho vivo do poder de Deus, sendo a expressão mais elevada de sua força criadora;
- como *basar* (carne): é um vivente que, igualmente às demais criaturas, tem um corpo, uma dimensão "material" que, embora conferindo-lhe certa caducidade, não é, de forma alguma, menos digna e boa aos olhos de Deus (Salvati, 1988, p. 15).

Portanto, *nefesh* e *ruah* testemunham mais claramente a proximidade existente entre Deus e o ser humano, ao passo que *basar* refere-se, sobretudo, ao aspecto da *existência*, compreendendo como "ser-para-fora", já que é graças ao corpo, acima de tudo, que todo ser humano é percebido no mundo como ser vivo. *Nefesh* e *ruah* estão mais para a dimensão *ontológica*, ou seja, a essência da pessoa como tal. Essa divisão, porém, não carrega consigo dualismo algum: antes, a separação é feita para acentuar um ou outro aspecto do único ser que é o humano tal qual foi desejado por Deus.

É importante dizer, porém, que é justamente por essa constituição do ser humano que ele, ao mesmo tempo que pertence ao mundo, transcende-o e, portanto, pode-se afirmar que possui certa afinidade com o que é próprio de Deus.

Um aspecto salutar, nessa compreensão, emerge quando se toca sobretudo na dimensão *soteriológica* e, claro, na perspectiva da ressurreição. Em 1Cor 15, quando a comunidade começa a se questionar sobre como seria a ressurreição, o

apóstolo Paulo explica da seguinte maneira: "Assim é a ressurreição dos mortos: o que é semeado em corrupção é ressuscitado em incorrupção; o que é semeado em desonra é ressuscitado em glória; o que é semeado em fraqueza é ressuscitado em potência; é semeado corpo físico, é ressuscitado corpo espiritual. Se existe corpo físico, existe também corpo espiritual" (A Bíblia, 2015, 1Cor 15,42-43). Observe-se que, ainda que se trabalhe uma perspectiva dualista – é preciso que a carne se corrompa para brotar incorruptível –, em momento algum Paulo desenvolve uma dimensão de ressurreição que envolva apenas a alma da pessoa: antes, o apóstolo trabalha a noção de corpo espiritual, visto que a alma é princípio de vida e, sozinha, não teria razão de ser. A ideia paulina é de que "carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herda incorrupção" (A Bíblia, 2015, 1Cor 15,50). Essa perspectiva é coerente com a 1Tes (5,23): "Que o próprio Deus da paz vos santifique inteiramente, e que vossa integridade – espírito, alma, corpo – seja guardada de modo irrepreensível para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (A Bíblia, 2015). A ocupação da pessoa em vida, portanto, não deve se restringir à vida espiritual, mas a *tudo* o que existe e lhe atinge como tal.

Nas cartas católicas, a expressão *salvação das almas* já começa a aparecer, embora não necessariamente desvinculada da vida terrena. Em Tg 1,21 (A Bíblia, 2015), por exemplo, lê-se: "Rejeitai, por isso, toda impureza e excesso de malícia e recebei com mansidão a palavra implantada, capaz de salvar vossas almas". A exortação refere-se à pessoa como tal, não apenas a uma parte dela, ou seja, à alma, visto que, no versículo imediatamente a seguir, pede-se que se seja praticante da palavra e não mero ouvinte. Ora, a prática só pode se realizar enquanto o humano está no mundo e, por sua vez, é impossível à pessoa existir temporalmente sem o corpo. Nesse sentido, a visão que se tem do ser humano é integrada. Outra citação importante é a de 1Pd 1,9 (A Bíblia, 2015): "pois recebeis o resultado de vossa fé: a salvação de vossas almas". Acerca desse versículo, Dalton (2011, p. 658) escreve que

“as realidades escatológicas são inauguradas no presente, na igreja, pela fé. ‘Alma’ em 1Pd (1,9,22; 2,11,25; 3,20; 4,19) tem o significado de pessoa”.  
No fundo:

Se em Cristo se cumpriram, segundo o NT, as promessas feitas por Deus a Israel, é lógico afirmar que a salvação cristã possui alcance *universal e integral*: esta faz referência a *toda a realidade, a toda a humanidade e a todos os aspectos do homem*. Certamente, de acordo com a teologia neotestamentária, a salvação se expressa principalmente em alguns bens de caráter espiritual e futuro (libertação do pecado, aquisição da bem-aventurança); isto porém não exclui o alcance também do *hic et nunc* da existência humana; basta pensar nos milagres e nas curas realizadas por Jesus e frequentemente indicadas pelo Evangelho como sinal da presença do reino e do evento dos últimos tempos; ou também a presença benéfica de Cristo, do Espírito e do Pai, na vida dos crentes; ou a comunhão fraterna que se instaura entre os que aceitam o Evangelho, recebem o batismo e passam a fazer parte da comunidade eclesial (Salvati, 1988, p. 819-820).

O posterior encontro do cristianismo com a cultura helenística é que carregará consigo um duplo efeito: de um lado, da visão unitária bíblica, passar-se-á a uma abordagem puramente dualista, já que *corpo* e *alma* serão vistos como substâncias que compõem o ser da pessoa – o humano não é mais *constituído*, mas *composto*, ou seja, como se fosse uma espécie de “mistura”; de outro lado, nessa dinâmica, acentuar-se-á uma certa superioridade da alma ao corpo, já que apenas ela é imortal e criada diretamente pelo próprio Deus:

No judaísmo helenístico, produziu-se um deslize de sentido; sobre a questão dos fins últimos, a imortalidade da *psukhè* parece preferida à crença palestina da ressurreição (Sb 2,22s; 3,1-4). A *psukhè*, nesse sentido, seria claramente distinta do envoltório corporal (Sb 9,15): a unidade antropológica do humano, refletida pelo hebraico *néfesh*, seria sacrificada em proveito de uma visão menos trágica da morte (Wénin, 2004, p. 95).

No Ocidente, de forma particular, uma contribuição significativa será apresentada por Agostinho (354-430), que compreenderá o privilégio da alma sobre o corpo. Nesse aspecto, será apenas entrando em si mesma que a alma descobrirá cada vez mais a Deus. É importante lembrar que

a obra de Agostinho nasceu de uma resposta ao maniqueísmo e, em terra cristã, de uma retomada da tradição platônica, razão pela qual o filósofo compreenderá que a verdade habita no interior do ser humano, colocando em evidência tão somente a alma. Isso levará, numa etapa posterior, à compreensão pessimista da condição corporal, que desembocará na reflexão sobre o pecado original (Deseille, 2004, p. 104).

Apesar dos esforços sucessivos para se retomar uma visão integradora, a resposta mais plausível virá de Tomás de Aquino (1225-1274). Nas discussões sobre se corpo e alma seriam substâncias existentes em ato, Tomás afirma que, na verdade, de ambos se faz *uma substância* existente em ato (Tomás de Aquino, 2015, p. 191). Na prática, o Aquinate dirá que alma e corpo não possuem autonomia própria antes da união, a partir da qual a alma torna-se *forma*, ou seja, atua e vivifica a matéria que recebe a existência, a perfeição e as determinações essenciais. “A forma se une à matéria sem nenhum intermediário, pois convém por si à forma que seja de tal corpo, e não por outra coisa” (Tomás de Aquino, 2015, p. 195). Nesse sentido, portanto, seria impensável pensar numa Igreja que se ocuparia apenas da *salvação das almas*, visto que, isoladamente, a *alma* como tal não tem razão de existir.

Àquela altura, porém, o termo *salvação das almas* já havia se difundido e o dualismo estava mais forte do que nunca. A luta contra os heréticos trouxe, na Idade Média, consequências drásticas para a história: guerras religiosas, fogueira e inquisição. Talvez, o ápice daquele contexto tenha sido, em 1252, a bula pontificia *Ad Extirpanda*, do Papa Inocêncio IV (1243-1254), depois confirmada por Alexandre IV (1254-1261), em 1259, e por Clemente IV, (1265-1268) em 1265. O documento aprovava o uso da tortura em suspeita de heresia:

Além disso, a autoridade ou Dirigente seja obrigado a forçar todos hereges, os que tiver capturado, a confessar seus erros expressamente, assim como verdadeiramente ladrões, e homicidas de almas, e surrupiadores dos sacramentos de Deus e da Fé Cristã, e a acusar outros hereges, os que conhecem, os crentes e os receptadores, e os defensores deles, assim como são forçados os surrupiadores e os ladrões das coisas temporais, a acusar seus

cúmplices, e a confessar os maléficos que fizeram, até o limite da diminuição de membro e perigo de morte (Inocêncio IV, 2015, AE 26).

Tudo tinha em vista, porém, a *salvação*, valor inestimável àquela altura. Concretamente, era também uma forma de a Igreja tranquilizar a consciência: forçando uma confissão, poderia absolver o réu da culpa e, ainda que não fosse dispensada a pena capital em muitos dos casos, ao menos garantia que a pessoa chegasse diante de Deus com a alma purificada daquele atentado contra a Igreja e, portanto, livrar-lhe-ia do inferno.

A tortura era aplicada sempre que se suspeitasse de uma confissão incompleta ou quando essa se mostrasse incongruente. Quanto mais débil era a confissão do réu, maior a tortura. Segundo o tribunal a finalidade da tortura era a realização de um bem medicinal e não vingativo. O importante, sempre segundo o Santo Ofício, era que o acusado pudesse alcançar sua salvação (Souza, 2020, p. 144).

O V Concílio de Latrão, realizado em 1513, na bula *Apostolici Regiminis*, diante dos chamados neoaristotélicos que pregavam a mortalidade da alma e que ela seria única em todos, registra:

[...] condenamos e reprovamos todos os que afirmam que a alma é mortal ou uma única em todos os homens, bem como os que alimentam dúvidas a esse respeito; pois ela não só é verdadeiramente, por si e essencialmente, a forma do corpo humano, [...] mas também é imortal e, dada a multiplicidade de corpos nos quais é infundido individualmente, é multiplicável, multiplicada e multiplicanda (Denzinger, 2015, DS 1440).

O Concílio de Trento (1545-1563), dentre as numerosas questões que discutiu, também pôs em evidência o tema da *justificação*, que, de certo modo, foi o fio condutor através do qual os demais temas, como os sacramentos, circularam. Quando Trento aborda, por exemplo, o tema da penitência, entende-se que o pecado gera "uma pia dor na alma" (Denzinger, 2015, DS 1669), razão pela qual fazia-se necessário o sacramento para que, através dele, todos "detestassem tão grande ofensa a Deus" (Denzinger, 2015, DS 1669). A intensidade da ferida na alma será o parâmetro para se verificar se o pecado foi mortal ou venial (Denzinger, 2015, DS 1680). Nesse sentido, cons-

trói-se a teologia de que o pecado ofende, em primeiro lugar, a Deus, mas também aos irmãos e a si próprio. Só que a pessoa se vê atingida não carnalmente, no seu corpo físico, mas acima de tudo na sua "essência", ou seja, na sua realidade mais profunda – na sua *alma*.

O conceito *salvação das almas* se difundiu sobretudo a partir de Trento, embora não tenha sido nessa dimensão que o Concílio compreendeu a soteriologia, ou seja, como se apenas "uma parte" do humano fosse ser salva, restando ao corpo ser decomposto. Àquela altura, a expressão que se espalhou foi, na verdade, *cura das almas*, referindo-se ao clero, que também adquiriu um significado bastante peculiar em relação ao tema da salvação. No fundo, era como uma fórmula matemática: se o clero realiza a cura das almas pelos sacramentos, essencialmente, logo, são os sacramentos que garantirão a salvação; e, se os ministros ordenados são cura de almas, logo, são as almas que salvam. O contexto não criou o conceito *salvação das almas*, mas o deduziu e o compreendeu de forma equivocada.

## 2 A salvação das almas: gênese de um projeto eclesial

Para compreendermos o tema da *salvação das almas* hoje, é importante situarmo-nos, a princípio, no *renascimento*, movimento cultural e artístico que nasceu por volta do século XIV e se estendeu até o XVII. As influências não se deram apenas no campo das artes (pintura, escultura, arquitetura e literatura), mas também na organização política e econômica da sociedade. Àquela altura, gradativamente os papas passariam a se sentir envolvidos com a "causa" do renascimento e procurariam, uns mais e outros menos, esforçar-se para tornar Roma o seu centro. Nesse contexto é que o Papa Júlio II (1503-1513) decidiria pela demolição da antiga Basilica de São Pedro, construída sob Constantino (306-337), para construir uma nova segundo o espírito renascentista, cuja pedra fundamental o próprio Papa colocou, em 1506.

O auge, porém, do envolvimento dos papas com o renascimento viera já antes, entre Sixto IV

(1471-1484) e Leão X (1513-1521). O maior exemplo, visto negativamente, foi o Papa Alexandre VI (1492-1503): Rodrigo Bórgia. O seu pontificado foi visto como perpassado pela corrupção e pelo desregramento moral. De um lado, a sua eleição foi simoniaca e, por outro, teve relações com várias mulheres, como Vannozza Cattanei (1442-1518), com quem teve quatro dos seus nove filhos, e Giulia Farnese (1474-1524), sua preferida durante o pontificado. Na cúria, respirava-se um ar mundano, entre festas, bailes e banquetes que às vezes se tornavam verdadeiras orgias (Martina, 2014, p. 94).

Se no renascimento os papas estiveram mais preocupados com questões políticas (guerra contra os turcos, defesa dos Estados Pontifícios, apoio aos soberanos europeus), mundanas (embelezamento de Roma, apoio a humanistas, caçadas, festas) e, especialmente, uma vida com um quase explícito "desregramento moral" (filhos e mulheres), o clero não era diferente. O surpreendente é que nem era tanto pela questão do concubinato, uma vez que a prática se tornara tão comum que os fiéis já não se chocavam, mas principalmente pela questão da posse de bens e propriedades. Para a maior parte do clero, a Igreja era vista como sendo de sua propriedade e, portanto, apenas um meio para se conseguir lucro e poder.

Nesse sentido, bispos e sacerdotes se sentiam proprietários de uma administração eclesiástica da qual podiam usufruir – no direito feudal germânico, chamava-se *prebenda*. É claro que ao usufruto uniam-se alguns compromissos e responsabilidades, mas que poderiam ser transferidos a um representante, razão pela qual, nesse período, era possível que uma pessoa tivesse em suas mãos vários bispados e paróquias. Alexandre Farnese (1520-1589), por exemplo, neto do papa Paulo III (1534-1549), em 1556 tinha 10 bispados, 26 conventos e 133 benefícios: canonicatos, paróquias e capelanias. Na Alemanha, as dioceses eram reservadas aos filhos da nobreza, que muitas vezes não tinham preocupação alguma com a vida sacerdotal e com a pastoral. Diz-se que o bispo de Colônia, Hermann von Wied (1477-1552),

durante toda sua vida, teria celebrado a missa apenas três vezes (Martina, 2014, p. 106). Havia uma grande preocupação com o dinheiro na Cúria Romana devido às muitas despesas com guerras, artes e festas. Por isso, o sistema de taxas, impostos, doações e penitências, chamado *fiscalismo*, foi aumentando cada vez mais e se tornando o ponto de grande insatisfação por parte de muitos soberanos europeus (Dreher, 1996, p. 18).

Nesse contexto é que, de uma maneira particular, o termo *cura das almas* viria a aparecer para se referir ao clero e a sua principal tarefa na Igreja. Porém, o termo *alma* não era compreendido essencialmente como um aspecto do ser humano, mas se referia à pessoa como tal; ou seja, *alma* designava o indivíduo na sua integridade. Na prática, o tema *salvação das almas* foi inserido para se opor àquela parte do clero que pouco ou nada se ocupava com as pessoas, mas tão somente com o lado administrativo, especialmente visando lucro e riqueza.

Em tese, *sob o aspecto disciplinar*, Trento deu vigoroso impulso à vida religiosa na Igreja, especialmente porque toda a reforma se inspirou no princípio *salus animarum, suprema lex esto*. *Cura animarum*, então, foram as palavras repetidas com insistência pelos decretos de reforma. A missão essencial da Igreja, àquela altura, foi descrita como a *salvação das almas*, não o incremento das artes e dos valores humanos, muitos menos a solução econômica para alguns privilegiados. Ora, se na Idade Média "os rendimentos" haviam se sobressaído e muitos cardeais e bispos delegavam a outros suas obrigações, apenas "gerenciando financeiramente" tudo e guardando para si boa parte dos benefícios, isso significava que *administrar era mais importante que pastorear*. O Concílio reverteu essa situação, devolvendo ao ofício sagrado sua prioridade e sua dignidade: o direito de receber certo rendimento é uma consequência totalmente secundária da cura pastoral e não pode ser dela separado. Agora o tema da *cura* ou da *salvação das almas* ganha sentido: não afirmando, em hipótese alguma, que a Igreja deve se ocupar apenas em salvar a alma do ser humano, mas sim para ressaltar que

os ministros devem se ocupar das pessoas, cujo termo *alma* lhes era referido.

É nesse contexto que, por exemplo, já na primeira fase do Concílio (1545 a 1547), um dos decretos de reforma tratava da obrigação de residência, ou seja, os titulares de benefícios eclesiásticos – cardeais, bispos, abades e padres – passariam a ser obrigados a residir na localidade para onde fossem nomeados. Assegurava-se assim que não se acumulassem funções e, acima de tudo, que o ministro minimamente conhecesse a realidade para onde tinha o título, afinal, residiria nela. Dedicar-se à cura das almas, então, naquele cenário, consistiu basicamente na celebração dos sacramentos, ou seja, no colocar-se à disposição das pessoas, a quem os ministros sagrados realmente servem. Talvez, para coroar com chave de ouro aquela problemática, na terceira fase do tridentino (1562-1563) foram aprovados importantes decretos de reforma católica: a fundação de um seminário em cada diocese; a obrigação de residência sob a pena de "perder as rendas"; a celebração anual de sínodo diocesano e trienal de concílios provinciais; o decreto que dizia que o bispo deveria fazer visita pastoral ao menos uma vez a cada dois anos; e, mais uma vez, sobre a proibição do acúmulo de benefícios.

O problema, porém, foi uma compreensão exacerbada do que pretendeu efetivamente o Concílio de Trento ao assumir para si um projeto que consistia na *salvação das almas*. De fato, a assembleia desencadeou um processo de criação de uma nova identidade para o catolicismo que tem influências até a atualidade, porque configurou o *modus vivendi* dos católicos e da estrutura eclesiástica. Segundo Libânio (1983, p. 38-71), os pilares dessa configuração foram:

1. *Imaginário social-religioso*. O imaginário é o responsável por garantir a reprodução da identidade a partir da consciência das pessoas. Nesse aspecto, a instituição eclesiástica tinha um papel de eixo estruturador e os sacramentos tinham o papel de perpetuar essa centralidade. A moral, nesse caso, possuía a missão de reproduzir na conduta individual a obediência às diretrizes da

instituição eclesiástica. Nesse sentido, a ação pastoral será uma pastoral excessivamente sacramentalizadora e moralizadora. A ameaça constante da condenação estava sempre presente no horizonte das pessoas e os sacramentos foram vistos como condição para a salvação – e, nesse caso, usando a expressão própria conciliar, *salvação da alma*, embora a compreensão tenha sido equivocada.

2. *Clero e fiéis*. Estes serão os que reproduzirão esta identidade. A celebração dos sacramentos e a ação catequética eram os canais pelos quais se firmava a identidade tridentina baseada na disciplina e em uma moral legalista. Para não deixar que se contaminassem com ideias consideradas adversas à doutrina católica, a vida eclesial era caracterizada pelo controle do clero, dos religiosos e dos leigos, em um sistema rígido de disciplina e de submissão. A estratégia era enquadrar todos os segmentos da vida eclesial, cujo marco foi a criação dos seminários, que visavam preparar intelectualmente o clero de forma adequada ao espírito do concílio (Souza, 2020, p. 242-245).

Dito de forma mais simples, *salvação das almas* acabou se tornando o motor de um projeto de Igreja sustentado por um clero que já era formado e devidamente preparado exatamente para tal e, ao povo mais simples, restava definitivamente se ocupar com o que poderia colaborar com essa salvação, tais como o apelo e a imitação a santos protetores, o culto a Maria, longas horas de adoração ao Santíssimo Sacramento e peregrinações – estas últimas, como exemplos claros de fazer o corpo passar por privações, cansaços e sofrimentos em reparação aos pecados cometidos. Esse perfil chega à Igreja até os dias de hoje, razão pela qual se entende aqui que afirmar que o papel da Igreja é a *salvação das almas* é, antes de tudo, assumir ou aderir a um projeto eclesial, hoje, porém, com fins bastante específicos.

### 3 A consolidação da *salvação das almas* como projeto eclesial

A teologia contemporânea tende a conferir um lugar secundário à noção de alma, preferindo falar de *ser humano* ou de *pessoa*. É claro que isso não nega a distinção, no homem e na mulher, entre pensamento, vontade e sensibilidade, que por sua vez remete a uma realidade ontologicamente rica que dá ao ser humano toda a sua dignidade. Na verdade, trata-se de uma teologia que concorda com a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II (1962-1965), que coloca como ideal do projeto da Igreja "salvar a pessoa do homem e restaurar a sociedade humana" (Concílio [...], 1965, GS 3). De fato, quando se esclarece que o ser humano será o eixo de todo o documento, a própria GS afirma que se trata do "homem na sua unidade e integridade: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade" (Concílio [...], 1965, GS 3). Nesse sentido, ao tratar do tema da dignidade da pessoa humana, o Concílio diz:

*Não pode* [o homem], portanto, *desprezar a vida corporal*; deve, pelo contrário, considerar o seu corpo como bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há-de ressuscitar no último dia. Todavia, ferido pelo pecado, o homem experimenta as revoltas do corpo. É, pois, a própria dignidade humana que exige que o homem glorifique a Deus no seu corpo, não deixando que este se escravize às más inclinações do próprio coração. Não se engana o homem, quando se reconhece por superior às coisas materiais e se considera como algo mais do que simples parcela da natureza ou anônimo elemento da cidade dos homens. Pela sua interioridade, transcende o universo das coisas: tal é o conhecimento profundo que ele alcança quando reentra no seu interior, onde Deus, que perscruta os corações, o espera, e onde ele, sob o olhar do Senhor, decide da própria sorte. Ao reconhecer, pois, em si uma alma espiritual e imortal, não se ilude com uma enganosa criação imaginativa, mero resultado de condições físicas e sociais; atinge, pelo contrário, a verdade profunda das coisas (Concílio [...], 1965, GS 14, *grifos nossos*).

O Concílio parte de uma visão antropológica unitária da pessoa, e entende que o corpo ressuscitará no dia final, razão pela qual também tem a sua dignidade. Extrapola-se, portanto, aquela visão dualista que prega a salvação ape-

nas da alma, cuja ideia basilar é a de que seria necessário ignorar o que é próprio da matéria para viver apenas do que é do espírito. De fato, o ser humano reconhece que se transcende a si, o que não significa, porém, que deva por isso mesmo desprezar o corpo.

Nesse sentido, é importante esclarecer que afirmar que o papel da Igreja é *salvar almas* foi importante, historicamente, porque respondeu e ajudou inclusive a recordar a própria instituição do seu verdadeiro papel. Hoje, porém, a perspectiva já é outra, porque a história muda e, com ela, igualmente os desafios que se apresentam. Isso é claro, inclusive, aos que hoje ainda prosseguem dizendo que a Igreja deve se ocupar apenas da *salvação das almas*. De fato, não são pessoas ingênuas, que não entenderam a dinâmica da história, mas que afirmam e pregam essa "verdade" com uma intenção: solidificar um *projeto eclesial* que, no seu ínterim, é constituído das seguintes perspectivas:

*a) Opor-se a tudo e todos que proponham algum tipo de envolvimento com a realidade temporal.* Para muitos, inclusive em uma atitude explícita de negação do Vaticano II, não é missão da Igreja se ocupar das diferentes situações de injustiça presentes no mundo. Quando, por exemplo, ouve-se alguma abordagem sobre a questão ecológica, imediatamente aparecem discursos que procuram afirmar que a Igreja tem se ocupado mais em "salvar as árvores que as almas". O mesmo se dá com a questão de gênero ou os muitos irmãos e irmãs cujo primeiro matrimônio não deu certo. São os muitos que, na visão de quem crê na *salvação das almas*, ou deveriam procurar o quanto antes a "conversão", ou passarão à eternidade do inferno, ainda que levem uma vida santa – porque a salvação e a condenação seriam tão claras quanto uma equação matemática. Outros temas próprios da doutrina, como o da sinodalidade, seriam danosos para a Igreja, porque colocariam em dúvida a hierarquia devidamente consolidada já há anos pela tradição. De fato, para estes, é temerário uma comunidade

que escuta e se põe a dialogar, mesmo porque a Igreja não seria *povo de Deus*, marcada pela historicidade e, de certa forma, também motivada por ela, mas sim *sociedade perfeita*: o que está fora precisaria ser simplesmente ignorado como de menor valor. O diálogo se dá apenas com quem se dispõe a ouvir a Igreja em total consonância e obediência aos seus pastores: duvidar de qualquer verdade ou valor eclesial seria pecado mortal contra a autoridade constituída pelo próprio Cristo.

*b) Reforçar o clericalismo e a autoridade.* Em um cenário como esse, o eixo reprodutor do pensamento é o *clero*, inclusive compreendido como uma casta separada do restante do povo. Valoriza-se não mais uma Igreja organizada em pequenas comunidades, mas sim grandes assembleias massificadas. Os padres aparecem como mediadores entre o natural e o sobrenatural, prometendo inclusive bens – materiais e espirituais – a quem cumprir ou seguir determinadas práticas rituais que, em geral, são exercícios de oração ou de jejum que desconsideram totalmente o outro. Há uma pregação incisiva à necessidade da confissão regular, inclusive uma, bem refletida, que seja “de toda a vida”, de modo a não deixar passar pecado algum e, assim, a alma poder gozar o céu sem passar pelo purgatório. Nesse caso, é impressionante que, em geral:

São vozes e posturas que sintetizam de modo inédito elementos tradicionalistas (na doutrina, nas normas transmitidas, nos rituais e nas estéticas), católico-populares (devoções, bênçãos, imagens) e pentecostais (orações espontâneas, emoção e prosperidade). Por certo, o caráter do poder mágico que encerra o personagem amarra as diferentes referências no mesmo discurso e na mesma prática. A relação direta do fiel com o clérigo, no modo virtual, reedita aquilo que define o sacerdócio como o distante-próximo que liga os mundos sobrenatural e natural, agora traduzidos em virtual e real, estabelece o canal por onde passa a graça (o milagre, a salvação, o bem-estar) e afirma a centralidade do líder como representante exclusivo de uma Igreja particularizada. O mundo virtual paralelo cria a Igreja paralela, e o ensinamento virtual do líder religioso torna-se sinônimo de verdade. O clericalismo renasce nas figuras atomizadas dentro da Igreja Católica

e adquire nova força de liderança como poder religioso (Passos, 2023, p. 130).

Trata-se, portanto, de uma Igreja multifacetada e sem identidade. Tudo é válido, desde que se tenha em vista a *salvação das almas*. Para as pessoas mais simples, o clero é composto por homens que “estão mais próximos de Deus”, devido à sua consagração. São “sacerdotes ungidos” – alguns mais que outros – que “facilitam” o acesso às bênçãos e aos milagres que só poderão vir de Deus e que se traduzem, não raras vezes, em elementos materiais, como alívio de dívidas, prosperidade como sinal de bênção etc. O clero, como intermediário desses “milagres”, é reforçado com o uso das indumentárias que parecem ser o canal por excelência que marca o presbítero como o intermediário e, ao mesmo tempo, como o “diferente”. No dia 6 de novembro de 2024, a página do *Diário do Rio* publicou uma reportagem, assinada por Patrícia Lima, com o seguinte título: *Clero fluminense ganha alfaiataria que une tradição, qualidade e elegância*. No texto, afirma-se: “Na Capitolina [nome da alfaiataria], as indumentárias clericais são cuidadosamente confeccionadas, com materiais de altíssima qualidade para garantir conforto, durabilidade e elegância aos religiosos, seja nos cultos ou no cotidiano” (Lima, 2024). O comércio religioso cresce para atender a essa demanda clericalista, de tal modo que se cria uma verdadeira moda eclesiástica.

*c) Reforçar uma Igreja sacramentalizadora e moralizante.* Em um projeto eclesial em que a ocupação não é com a realidade temporal e o clero é soberano, a Igreja terá meramente duas finalidades: *sacramentos e pregação sobre a moral*. Ambos estão diretamente relacionados, afinal, será uma vida pautada de acordo com essas pregações que levará, necessariamente, à participação nos sacramentos da Igreja. A consequência natural de uma visão dualista e não integradora na relação alma-corpo é que se perderá, sobremaneira, a consciência de *pecado social*, e será tido como falta apenas o que constitui uma traição con-

sigo mesmo e com Deus. Nesse âmbito, sobressaem-se os pecados relacionados à área de sexualidade, a começar por um simples olhar que, a estes penitentes, é tido como "impuro". Naturalmente, no que diz respeito a Deus, são tidas como faltas comer carne às sextas-feiras ou deixar de rezar o terço todos os dias. Como a salvação é quase uma equação matemática, o desespero é tanto que, se possível, há quem se confesse todos os dias, a fim de evitar que "a alma se perca". Os exames de consciência, antes pautados pelos mandamentos, que são apenas 10, agora são feitos a partir das pregações e palavras de determinados líderes carismáticos. Basta verificar o conteúdo das pregações daqueles que afirmam ser papel da Igreja salvar as almas: falam de um catolicismo de muito catecismo e pouca Escritura; de muita gente [massas], mas de pouco irmão. Desenvolve-se assim, como também tem alertado o Papa Francisco, o chamado neopelagianismo autorreferencial e prometeuco, postura de quem

[...] só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado. É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar. [...] São manifestações de um imanentismo antropocêntrico. Não é possível imaginar que, destas formas desvirtuadas do cristianismo, possa brotar um autêntico dinamismo evangelizador (Papa Francisco, 2013, EG 94).

Note-se como se trata de um círculo vicioso, que se retroalimenta de forma quase que instantânea, porque nesse ponto, acerca do conteúdo das pregações, volta-se aos dois itens anteriores: reforço de uma Igreja desocupada das realidades temporais e do clericalismo. Não é, porém, uma prática presente apenas no clero. Brighenti (2011, p. 193) vai mais longe ao comparar o que ele chama de *discípulo do Mestre* com o *discípulo-messiânico*:

Discípulo-messiânico	Discípulo do Mestre
É o centro da missão.	Revela que alguém confiou nele.
Incorpora o Mestre na missão.	Incorpora-se à missão do Mestre.
Ele mesmo planeja e dirige.	Confia nos outros.
Sente-se indispensável em tudo.	Prepara sucessores.
Não delega responsabilidades.	Delega responsabilidades.

Um projeto de Igreja tridentinista tende, naturalmente, a desenvolver uma amalgama de discípulos-messiânicos que, na prática, querem apenas o culto a si mesmos, não a Jesus Cristo.

### Considerações finais

Em geral, é próprio da história "[...] expandir nossos horizontes, permitir que vejamos que nem sempre foi assim, sugerindo que não há necessidade de ser como é no presente – na verdade, para mostrar que certamente *não* será como é no presente. A boa história nos permite 'pensar fora da caixa'" (O'Malley, 2021, p. 23). De fato, "o que as instituições, consciente ou incons-

cientemente, resolveram recordar ou esquecer do passado faz delas aquilo que são" (O'Malley, 2020, p. 44-45).

Nesse sentido, a intenção do artigo foi, justamente, apontar caminhos pelos quais se pode observar como convém, a uma grande parte do clero hoje, uma pregação que afirme, a todo o tempo, que a Igreja existe para salvar as almas. Cria-se uma mentalidade na qual a comunidade não é importante, mas o indivíduo; e, diga-se de passagem, o trabalho é muito menor, porque, como a salvação é encarada de forma exata, logo a realidade concreta das pessoas não importa, visto que, se há alguma situação diferente da

esperada, são elas que devem se ajustar para se enquadrar no esperado. Então, quem não está nos moldes já estaria fora por si próprio e, nesse caso, a Igreja não teria responsabilidade alguma, porque é uma "decisão" da pessoa.

É por isso que se entende aqui que uma Igreja cuja missão é salvar as almas é, hoje, um *projeto eclesial*, ou seja, com intenções bastante claras, porque o ministério é compreendido como poder e o Evangelho é instrumentalizado para defender, acima de tudo, a instituição, não Jesus Cristo. Nesse sentido, uma saída bastante clara, que o próprio Francisco já apresentou, é recuperar a centralidade da Boa Nova, que consiste na "beleza do amor salvífico de Deus que se manifesta no Jesus Cristo morto e ressuscitado" (Papa Francisco, 2013, EG 36). Só assim evitar-se-á falar "mais da lei que da graça, mais da Igreja que de Jesus Cristo, mais do Papa que da Palavra de Deus" (Papa Francisco, 2013, EG 38).

## Referências

- A BÍBLIA. *Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- BRIGHENTI, A. *A pastoral dá o que pensar*. A inteligência da prática transformadora da fé. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquém, 2011.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Vaticano, 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 14 nov. 2024.
- DALTON, W. J. Primeira Epístola de Pedro. In: BROWN, R. E.; FITZMEYER, J. A.; MURPHY, R. E. (ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 655-665.
- DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. 3. ed. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2015.
- DESEILLE, P. Teologia Histórica. In: LACOSTE, J. Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004. p. 99-104.
- DREHER, Martin N. *A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Coleção História da Igreja; v. 3).
- INOCÊNCIO IV. *Bula Ad Extirpanda*. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/34779/bula-ad-extirpanda-traducao>. Acesso em: 18 dez. 2024.
- LIBÂNIO, J. B. *A volta à grande disciplina*. São Paulo: Loyola, 1983.

LIMA, P. Clero fluminense ganha alfaiataria que une tradição, qualidade e elegância. *Diário do Rio*, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: [https://diariodorio.com/clero-fluminense-ganha-alfaiataria-que-une-tradicao-qualidade-e-elegancia/#google\\_vignette](https://diariodorio.com/clero-fluminense-ganha-alfaiataria-que-une-tradicao-qualidade-e-elegancia/#google_vignette). Acesso em: 14 nov. 2024.

MARTINA, G. *História da Igreja de Lutero a nossos dias*. I – O período da Reforma. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

O'MALLEY, J. W. *História Católica para a Igreja de Hoje*. Como o nosso passado ilumina o nosso presente. Petrópolis: Vozes, 2021.

O'MALLEY, J. W. *Quando os bispos se reúnem*. Um ensaio que compara Trento, o Vaticano I e o Vaticano II. Lisboa: 70, 2020.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Brasília: CNBB, 2013.

PASSOS, J. D. *Obstáculos à sinodalidade*. São Paulo: Paulinas, 2023.

SALVATI, G. M. Salvação. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. (dir.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988. p. 815-826.

SOUZA, N. *História da Igreja*. Notas Introdutórias. Petrópolis: Vozes, 2020.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*, 2. Trad. Maurílio José de Oliveira Carmello. São Paulo: Loyola, 2015.

WÊNIN, A. Alma. In: LACOSTE, J. Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004. p. 94-96.

---

## Tiago Cosmo da Silva Dias

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo (SP), Brasil. Professor da Faculdade Dehoniana, em Taubaté (SP), Brasil. Professor da Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI, em Mogi das Cruzes (SP), Brasil. Professor do Instituto de Teologia São Miguel, em São Paulo (SP), Brasil. Participa do Grupo de Pesquisa "Religião e Política no Brasil Contemporâneo" (PUC-SP/CNPq).

---

## Endereço para correspondência

### TIAGO COSMO DA SILVA DIAS

Faculdade Dehoniana

Avenida Francisco Barreto Leme, 550, 12062-000

Taubaté, São Paulo, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*